
Nem maravilhosa, nem violenta, mostra: Gagacabana e os imaginários de cidade e gênero no Rio de Janeiro¹

Heloise Barreiro Campos²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

Este artigo discute os desdobramentos do show gratuito de Lady Gaga realizado no Rio de Janeiro em maio de 2025, argumentando que a presença da diva pop contribuiu para a reinscrição de imaginários (Wunenburger, 2007) de gênero e cidade. Investe-se na gramática do monstro e da monstrosidade para complexificar negociações de gênero e retratar uma cidade caleidoscópica que se reinventa constantemente, assim como os atores que a habitam. Valendo-se da corpografia urbana (Fernandes; Herschmann, 2023) como metodologia central, o trabalho debate momentos emblemáticos situados em três pontos da cidade: Orla de Copacabana, Estação de Metrô Cardeal Arcoverde e Saara.

Palavra-chave: cidade; gênero; pop; imaginário.

O que a presença de uma diva pop autoproclamada “monstra” faz com os tecidos urbanos? Como ela reinscreve a agência dos atores na cidade? Partindo dessas perguntas, o que está em relevo neste trabalho é uma análise sensível do “Gagacabana”, como ficou conhecido o show gratuito realizado pela cantora pop Lady Gaga no Rio de Janeiro, na praia de Copacabana, no dia 3 de maio de 2025.

Nosso objetivo é somar na discussão do Rio de Janeiro como cidade porosa, complexa e de múltiplas possibilidades, argumentando que o show da Lady Gaga surge na cidade como um fenômeno que desestabiliza o binarismo cidade maravilhosa/cidade violenta – é um megaevento, mas é também um espaço de criação de um comum que une os grupos (Maffesoli, 2005) e que reinscreve novos imaginários na cidade. Em termos metodológicos, aposta-se na tática de corpografia urbana (Fernandes; Herschmann, 2023), que implica em colocar o próprio corpo na cidade e observar as interações que nela acontecem.

Em um primeiro momento, discutimos como a noção de “monstro” — historicamente associada à exclusão e à construção de alteridades (Ferreira, Hamlin, 2010) — foi ressignificada a partir da figura de Lady Gaga e de sua relação com os fãs.

¹ Trabalho apresentado no GP o Comunicação, Música e Entretenimento do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: heloisebarreiro15@gmail.com

Assim como o termo *queer* foi ressignificado (Louro, 2004), o “monstro” torna-se um estado de dissidência e uma forma de contestação às normas sociais e de gênero (Butler, 2018). Pensamos junto com Thiago Soares (2014) e Jack Halberstam (2012) para refletir sobre como Gaga assume o título de *Mother Monster*, criando com seus fãs (os *Little Monsters*) uma comunidade que celebra o “estranho” a partir de um momento emblemático do show em Copacabana, quando a cantora pede que os monstros levanten as patas para cima: “*Little Monsters, paws up, 'cause monsters never die!*”³ (*Monstrinhos, patas para cima, porque os monstros nunca morrem!*).

Em seguida, passamos pelos estudos de ambiência (Thibaud, 2012) e imaginários urbanos (Wunenburger, 2007) para complexificar como a presença da diva pop no Rio de Janeiro modifica a cidade, tanto de forma prática e material como de forma sensível, a partir de dois lugares: 1) Saara: área comercial localizada no Centro do Rio de Janeiro, conhecida por sua grande variedade de lojas de produtos populares a preços acessíveis e 2) Estação de Metrô Cardeal Arcoverde, em Copacabana.

No primeiro caso, foi nítido como as vitrines se transformam, ostentando camisas, copos, leques e diversos acessórios ligados à diva pop. A sonoridade do Saara apresentou uma constituição diferente da habitual, com as lojas tocando os hits da cantora pop somada as vozes animadas dos fãs; assim como o apelo dos vendedores ambulantes para fechar a venda dos produtos, nas vozes com modulações diferentes, o discurso para chamar atenção dos transeuntes é recalculado – cheguei a ouvir um ambulante vender “água da Gaga”.

Já no segundo caso, descrevemos o momento de chegada ao show, descendo na estação de metrô mais próxima do palco, quando formou-se um exército de pessoas batendo leques coloridos e bradando quase de forma militarizada “Gays, gays, gays, gays”, em um composto visual e sonoro (pés, leques, vozes, música, risos) que transforma as subjetividades dentro da cidade, e de certa forma, é uma das maneiras de constituir o urbano e exercitar a cidadania a partir de ações sonoras (Bieletto-Bueno, 2022).

Por fim, avaliando as deambulações no campo e o levantamento teórico apresentado, percebemos que o Gagacabana quebrou algumas expectativas negativas de

³ LADY GAGA. Lady Gaga - Live in Copacabana (Full Show). Vídeo. YouTube, 2 jun. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2GOAd07ypl0>. Acesso em: 11 jun. 2025.

shows gratuitos nos moldes dos megaeventos e imaginários de gênero. É nessa linha de raciocínio que a cidade deixa de ser violenta e maravilhosa para tornar-se monstra, irreal, especulativa e tão instável quanto os conceitos de “mulher” e “homem”.

Referências

BIELETTO-BUENO, Natalia. Música e som em ativismos urbanos. In: FERNANDES, Cíntia Sanmartin... [et al.]. **Artivismos urbanos: sobrevivendo em tempos de urgências**. 1a. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2022. P. 253 a p.373

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Caderno de Leituras**, n. 78. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, jun. 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/>. Acesso em: 28 maio 2025.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael. **CarnaLula - Levante Carnavalesco na Cidade do Rio de Janeiro**. In: FERNANDES, BARROSO, SILVA, BELART, 2023 (Org). Cidades em festa: Comunicação, territorialidades, imaginários e ativismos políticos. Cáceres: Editora UNEMAT, 2023.

FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 811–836, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/pNrK63zWDDbTCVtrrg5TryH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2025.

HALBERSTAM, Jack. **Gaga feminism: sex, gender, and the end of normal**. Boston: Beacon Press, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SOARES, Thiago. Idolatria e mitos geracionais: questões para compreensão das retóricas em torno de Lady Gaga e Madonna. **Comunicação & Inovação**, [S. l.], v. 15, n. 28, 2014. DOI: 10.13037/ci.vol15n28.2279. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2279. Acesso em: 4 jun. 2025.

THIBAUD, Jean. A cidade através dos sentidos . **Cadernos Proarq**, n. 18, p. 8–17, 2012. Disponível em: https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.